

Ensinar não é isto...talvez isto!



Ensinar não é dar informação



No telejornal, o locutor dá informação e não é um ensinante

Ensinar não é fazer decorar

Um rapazinho adormecido sobre o lado direito, o braço fora da cama, a mão pendendo molemente. Saindo de uma abertura redonda e gradeada na face de uma caixa, uma voz fala docemente:

«O Nilo é o rio mais comprido de África e, em comprimento, o segundo de todos os rios do mundo. Se bem que não atinja o comprimento do Mississippi-Missuri, o Nilo vem à cabeça de todos os rios pela importância da sua bacia, que se estende por trinta e cinco graus de latitude...»

Ao pequeno almoço da manhã seguinte alguém perguntou:

- Tommy, sabes qual é o maior rio de África?

Sinais negativos da cabeça.

- Mas não te lembras de alguma coisa que começa assim: "O Nilo é o..." ?

-O-Nilo-é-o-rio-mais-comprido-de-África-e-em-comprimento-o-segundo-de-todos-os-rios-do-mundo...[As palavras saem precipitadamente], -Se-bem-que-não-atinja...

- Ora aí está! Diz-me agora qual é o mais comprido rio de África.

Os olhos estão vagos.

- Não sei.

- Mas é o Nilo, Tommy!

- O-Nilo-é-o-rio-mais-comprido-de-África-e-em-comprimento...

- Então qual é o rio mais comprido, Tommy?

Tommy desfaz-se em lágrimas.

- Não sei - choraminga.

Ensinar não é repetir



... até o outro ficar intoxicado em informação.



Quando um coelho come uma cenoura, não é o coelho que se transforma em cenoura é a cenoura que se transforma em coelho.

Ensinar não é dar explicações...



os livros explicam e isso não faz deles ... professores.

Ensinar não é usar autoritarismo



O autoritarismo e o seu necessário complemento – a submissão – não fazem parte da amizade, nem do amor e muito menos do respeito.

Ensinar pode ser isto... mas será conveniente ???

Existem várias técnicas, muitas delas bem inseridas na estrutura cultural, que permitem com facilidade ensinar e educar os mais jovens na sua inserção social, quer na família, quer no trabalho.

Alguns exemplos:

Técnica 1 - A oferta

Dê ao seu filho, como presente surpresa, duas camisas que ele, previamente, tenha desejado muito ter.

No momento em que lhas oferecer, faça uma grande festa (é importante uma intensa relação afectiva) e, quando ele estiver muito contente e alegre, peça-lhe para ir ao quarto vestir uma e vir mostrar.

Quando ele regressar com uma delas vestida, faça um ar muito triste e pergunte-lhe:

- Oh meu filho, não gostaste da outra ??

Se ele ficar com ar apavorado e for rapidamente trocar de camisa, então quando ele regressar, torne a perguntar com um ar ainda mais surpreendido e triste:

- Mas...meu filho, não gostaste da primeira ?

Observação: *Sentir-se mergulhado, por pessoas de quem gosta, em contradições e paradoxos de onde não sabe sair é um caminho eficaz para se sentir desorientado e perdido na vida e nas relações.*

Não é um processo fácil de aprender (é contra natura), por isso é necessário provocar várias experiências "educativas" deste tipo para ele desistir de tomar posições e sentir-se confortável a obedecer a todos à sua volta. Tornar-se-á um ser agradável, acomodaticio e com quem é fácil conviver... muito "bem educadinho".

É relativamente vulgar, na festas de família, quando se está a comer um bolo, vir alguém muito caridoso e afectivo perguntar porque não comemos aquele outro.

A situação que nos propõem é exactamente a mesma: é paradoxal, pois só se pode comer um de cada vez. Se nos sentirmos culpados e nos desculparmos já fomos "educados".

Técnica 2 - A decisão

Vá com o seu filho a uma pastelaria, e peça-lhe para escolher o bolo que ele desejar. Seja qual for a escolha, diga sempre:

- Não, meu filho, esse faz-te mal, come antes aquele que é melhor.

... e mantenha a sua vontade.

Observação: *Saber que as suas decisões são sempre erradas, não são aceites pelas pessoas de quem gosta, e em reforço ser obrigado a cumprir as delas, é o caminho ideal para deixar de ser autónomo, viver angústias sempre que tem que decidir, e precisar permanentemente de confirmação exterior antes de agir.*

Mais tarde será um subordinado cheio de êxito e um cidadão cumpridor das suas obrigações, desde que impostas por outro.

Deve-se começar esta educação com pequenas decisões frustradas ("de pequenino é que se torce o pepino") sempre provocadas por pessoas de quem gosta para evitar revoltas, mas se isso acontecer convém provocar remorsos e culpa.

Mais tarde tornar-se-á um individuo muito certinho, com uma vida ordenada e sem surpresas, com quem é fácil planear e construir o futuro.

Técnica 3 - Os conselhos

Dê ao seu filho vários conselhos deste tipo, insistindo constantemente até ele aprender:

- *Tens que ser espontâneo, estás a ouvir ?*
- *Não quero que sejas tão obediente !!!*
- *Quero que sejas livre, e não obedças a ninguém, ouviste ??*
(o ideal é obrigá-lo a repetir várias vezes, fazendo-o obedecer)
- *Quero que sejas mais independente e corajoso. Se te baterem, bate, mas se te revoltares, bato-te eu.*

Observação: *Aprender a obedecer, mas ao mesmo tempo sentindo o prazer de ser livre é uma aprendizagem difícil mas útil. Evita muitos gastos em psiquiatras, pois sentir-se-á confortável com o autoritarismo dos outros, numa submissão percebida como autonomia.*

Esta aprendizagem tem que começar a ser feita antes de se poder pensar com lógica.

Todos os conselhos que se contradizem a si próprios (vide os exemplos), "tens que ser espontâneo", ou seja, se o for obedece logo não é, são as formas ideais para perder a lógica das situações e da vida..

Este sistema é muito usado nos sistemas autoritários, por exemplo, na vida militar quando o soldado é ensinado a dizer "sim senhor" em resposta a uma ordem, mas com uma posição afectiva de grande assertividade, energia e força de vontade, ele está a ser educado a "ter muita força de vontade a cumprir a vontade dos outros". Por outras palavras, é treinado a ter muita força de vontade a não vontade pessoal ou seja, a não ter força de vontade.

Este paradoxo em estado quase puro é muito usado na vida familiar.

Técnica 4 - A compreensão do mundo

Se um dia estiver triste (ou zangado/a) e se o seu filho se aperceber disso e lhe perguntar se está triste (ou zangado/a), negue veementemente e diga-lhe que ele está a ser parvo. É uma oportunidade óptima para ele começar a sentir que percebe tudo errado.

Se não estiver a dar-lhe atenção, e nem sequer a ouvi-lo, afirme sempre que está, até ele se convencer disso.

Se ele insistir, aproveite e diga:

- *Como é que podes duvidar de mim ? Agora é que fico mesmo muito triste.*

Assim, utilize a sua tristeza real, nega-a e viva-a à vontade, pois ela agora também servirá para provocar remorsos e culpa, aumentando a eficácia da necessária submissão do seu filho. Esta negação da realidade óbvia (muito usado na educação de crianças), e se correctamente percebida pelo outro, se ele for bem convencido do contrário, é uma forma eficaz de destruição do princípio da realidade e um treino rentável de subordinação.

Observação: *Ser autónomo significa observar o mundo exterior, tirar conclusões correctas e decidir o que fazer.*

Assim, é importante ensiná-lo a duvidar de si próprio e acreditar apenas no que os outros dizem, achando que só sabe tirar conclusões erradas.

Mais tarde, nunca terá angústias de decisão porque só fará o que todos dizem, nunca se tornando conspícuo com comportamentos fora da média. Não terá grandes êxitos, mas conquistará uma vida sem sobressaltos e cómoda.

Técnica 5 - A vontade

Tomar decisões já é um problema, mas querer fazê-las é muito pior. Assim, tem que se educar para ter "força de vontade" mas também para "não ter vontade de fazer força".

Há vários métodos (ao longo dos séculos, a recruta militar tem muitos exemplos), mas há alguns muito simples e de uso familiar:

Se ele disser: "*Eu não quero isto ...!*"

Responda sempre: "*Queres sim*",

e acrescente, com carinho: "*... não é verdade, querido ??*" ... e faça-o confirmar.

Quando ele disser: "*Não gosto desta sopa...!!!*"

Responda: "*Gostas sim ... vê lá se não é verdade*" e, gentilmente, ajude-o a "ver que gosta".

Se ele quiser fazer algo e não quiser que ele o faça, a melhor maneira é uma "chantagem..zita afectiva" do tipo:

- Se fizeres isso eu não gosto de ti...

ou reforçando com "*...ficas sozinho.*" , ou ainda "*...vem o papão..*" , ou ainda melhor "*...vem o papão...e come-te*" etc. e para terminar comece a chorar e não o deixe aproximar de si, mesmo que ele já diga que não faz mais. A culpa e o remorso têm memória de elefante.

A nossa cultura têm muitas experiências deste tipo.

Observação: *Criar insegurança e angústias acerca do futuro é um método eficaz para criar submissão.*

Deixar de ter vontade própria é um processo que deve ser enraizado muito cedo, fazendo-o duvidar de si próprio. Tornar-se um individuo cumpridor de regras, muito preocupado em não desgostar os outros e procurando ser sempre muito perfeito preocupado em obter aprovações. A disciplina aparece com facilidade, e a ordem instala-se sem problemas.

Técnica 6 - Expressão pessoal

A forma de se vestir, escolhendo cores e feitios é sempre uma forma de afirmação pessoal, expressando-se exteriormente de uma forma concordante com o seu estado de espírito. Ao fazê-lo cada um sente-se mais integrado consigo próprio, mais fortalecido e mais capaz de tomar posições individuais autónomas.

Assim, tente que ele(a) vista, se possível, um uniforme que como a própria palavra indica é uma uni-forma, ou seja, não é uma expressão individual, significando "tu não és importante, és apenas mais um como tantos outros".

Esta posição de "sou mais um", se bem interiorizado originará um individuo acomodaticio pronto a seguir orientações e sem veleidades de opções pessoais, disciplinado e cumpridor de regras. Todos os sistemas autoritários criam uniformes. Nas

empresas todos se vestem como querem desde que seja fato cinzento ou azul escuro (modelo casamento ou enterro).

Muito mais eficaz, mas difícil de utilizar em grandes grupos (como é no caso das forças militares, que optam pela solução do uniforme) é a solução de não obrigar a um uniforme (forma única), mas sim vestir sempre a criança de modo diferente (mas nunca escolhido por ela), impedindo assim a sua expressão pessoal e sem o perigo de identificação com a "forma" inerente a um uniforme (tipo tribu), arrastando consigo uma imagem e regras, formatando uma personalização.

Neste caso, é fundamental que a roupa vestida em cada dia seja sempre escolhida por um adulto, impedindo qualquer opção de decisão pessoal. Numa palavra, ele vai sempre vestido mediante a expressão pessoal de outro. Deste modo torna-se um manequim transportador de roupa.

Para impedir eventual personalização pessoal por revolta é importante que os educadores depois de vestirem a criança ao seu gosto, convençam-na de que é assim que ela gosta e façam-na "sinceramente" concordar que é o melhor para ela, do tipo:

- *Oh minha querida(o) isto fica-te tão bem, todos te vão achar o "máximo"*
(convém usar palavras da linguagem do seu grupo de amigos).

Pode ser reforçado com alguma chantagem discreta:

- *Faz-me lá essa vontade, vou ficar tão contente.* (pela positiva)

ou

- *Faz-me lá essa vontade, vou ficar tão triste.* (pela negativa)

ou

- *Faz-me lá essa vontade, senão à noite digo ao ...???* (por ameaças)

ou

- *Faz-me lá essa vontade, que no fim de semana vais ao cinema* (por suborno)

ou

- *Faz-me lá essa vontade, senão vais ficar triste e ter pesadelos* (por terror psicológico)

Como se vê as alternativas são muitas, basta alguma criatividade ou ouvir bem os conselhos que nos dão.

Técnica 7 - Trabalho

Pedir sempre à professora para a criança trazer muitos trabalhos para casa, porque ele tem que aprender a gostar de trabalhar em casa e não se distrair com a vida em família.

Quando ele estiver a olhar, convém que os pais representem que também estão a trabalhar, vendo televisão apenas, e só, quando ele estiver no quarto ocupado a fazer os seus deveres escolares.

Mais tarde tornar-se-á um adulto calmo, preocupado e responsável, trazendo imenso trabalho para casa e até pedindo à mulher (marido) e aos filhos que o(a) ajudem. A vida em família é só ou um lugar para recuperar energia para trabalhar no dia seguinte. E também um local secundário de trabalho. Será um bom consumidor e pagará sempre todas as dívidas ao Banco

Esta educação tem que começar muito cedo (o ideal é logo nas classes infantis) para ele ganhar o prazer em ser um workólico (viciado em trabalho).

Ensinar é



"Eu ensino, tu aprendes" (Einstein)

Pode-se levar a mula ao chafariz, mas não se pode obrigar a mula a beber água!
Ditado popular

Aprender é um processo **totalmente privado** que se passa dentro do nosso córtex, pela mudança de certas conexões nervosas de modo a incorporar a nova informação na mente. É um processo de (trans) formação que acontece no interior de cada ser, e em que único "operário" desta acção só pode ser o próprio individuo, só ele é o dono, o decisor e o gestor dessa transformação.

Só existe auto-formação.

A aprendizagem é um processo com um só dono: o aprendente... **EU APRENDO!**

A criação do processo facilitador desta aprendizagem pode ser aleatório ("natural"), como foi o caso da história acerca da maçã que caiu na cabeça de Newton e ele "aprendeu" a gravidade, ou pode ser intencional e controlado de modo a aumentar a eficácia dessa facilitação, e surge o ensinante ... **TU ENSINAS.**

Uma árvore leva anos a crescer por processos interiores de autoformação e leva segundos a ser morta por processos exteriores de DES-formação (uma serra eléctrica). O ensinante que usa processos de destruição para ensinar obtém efeitos mais rápidos, mas negativos sob o ponto de vista da aprendizagem (vide a história do Tommy), mas dá-lhe sempre uma sensação pessoal de competência e poder. Quando não obtém resultados visíveis é porque... "*eles não querem*", ou "*eles não têm condições*". Quando numa turma quase todos os alunos perdem o ano (isto é, não aprenderam) será porque puseram todos os "incapacitados" da zona nesse professor ? Será isto lógico ?? Será um problema de aprendizagem ou um problema de ensino??

Um processo de ensino-aprendizagem é sempre constituído por 3 elementos:

- inputs – o que o professor fornece
- throughputs – o que acontece na mente do aprendente despoletado pelo input recebido, integrado com a informação que já possui;
- outputs – as formas expressivas do aprendente (físicas ou verbais) como consequência do throughput construído na mente (a aprendizagem).

Em esquema:



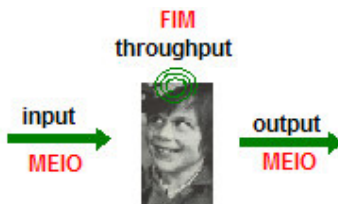
Num processo de ensino o ensinante utiliza as suas propostas (inputs) para que o aprendente as utilize (integre) em função da sua "cabeça", originando o throughput e aja em concordância (output consequente). Depois, o ensinante vendo o que aconteceu (output) poderá reorientar o seu input de modo a que as suas propostas sejam o mais facilitadoras possíveis da aprendizagem desejada.

É assim que se aprende a guiar um carro. O instrutor dá informação, observa como o carro foi conduzido, corrige a informação que fornece ao aluno e este (se compreendeu o que aconteceu) **corrige o desvio que fez... e assim aprende.**

Aprender é um processo de correcção em retorno, anulando desvios. Na aprendizagem não há erros, há apenas desvios a serem corrigidos. Assim, o **DIREITO AO ERRO é fundamental.**

Em conclusão, para um ensinante aquilo que propõe (inputs) e o que a aprendente faz/diz em consequência são apenas meios/propostas para aquisição de compreensões. No ensino, o fim pretendido está no throughput (aprendizagem).

Em esquema:



Um médico quando necessita de tratar um doente e lhe provoca dor (e o doente expressa essa dor) não é por um problema de sadismo do médico é porque ele precisa desses outputs como sinais do que acontece no throughput.

Por analogia, o direito ao erro do aluno é uma regra fundamental para o professor poder corrigir o seu próprio ensino, propondo outros facilitadores de aprendizagem.

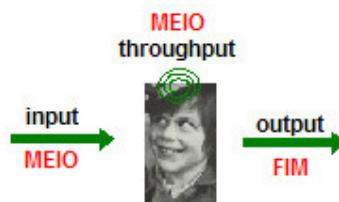
Tirar o direito ao erro a um aluno é como o direito de gritar a um doente, e em ambos os casos, nem o médico pode perceber o que acontece e curar, nem pode professor pode perceber o que acontece e ensinar.

No caso do ensino, depois da aprendizagem concluída, quando se volta ao trabalho ou quando se faz um exame, **o esquema anterior altera-se.**

No trabalho e/ou num exame MEIOS os FINS estão trocados em relação ao ensino-aprendizagem.

Quer o problema resolver, quer o exame a fazer são inputs fornecidos (pedidos a responder) aos quais o individuo tem que aplicar os throughputs existentes na sua mente e obter o fim pretendido - o resultado (output). Por outras palavras, o que era meio (output) passou a FIM e o que era fim (through put) passou a MEIO.

Em esquema:



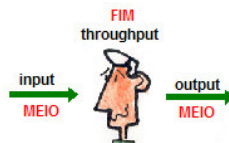
O profissional de ensino que, na prática, não souber fazer esta distinção nunca ensina nada a ninguém, não é um ensinante é apenas um locutor de telejornal que actua numa sala de aula.

Aplicando esta diferença, à problemática da avaliação a sua aparente simplicidade torna-se um pouco mais complexa.

Uma analogia

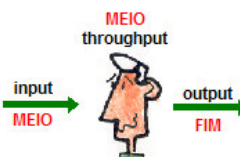
Quando uma pessoa vai a uma consulta médica e o médico faz uma **avaliação da sua saúde** para o poder tratar, as perguntas que faz e as respostas que o doente dá são o meio para o fim que é melhorar a sua saúde. E neste sentido o doente tenta ser o mais verdadeiro possível.

Em esquema:



Porém,

Se a mesma pessoa for a uma inspecção médica para entrar para um emprego, a situação já não é a mesma, pois a avaliação de saúde passa de instrumento de tratamento a objectivo da consulta. Em esquema:



Neste caso, como é evidente, não só o doente altera as suas respostas, como o médico não pode usar a mesma metodologia.

Considerando os dois esquemas atrás expostos, o modelo de "avaliação permanente" nas aulas é um modelo anti-pedagógico, pois adultera a relação de confiança que tem que existir entre o ensinante e o aprendente. É não só uma armadilha, como é uma situação dúbia, criadora de stress, pois ou se confia para ser ensinado ou se distancia para ser bem avaliado. As duas situações não podem ter as mesmas metodologias, pois os seus fins e meios estão trocados.



Segundo Robert M. Sapolsky. Professor de Neurologia e Ciências Neurológicas na Escola de Medicina de Stanford, o stress pode criar efeitos negativos (prejudicando o seu funcionamento) no hipocampus, região do córtex para a aprendizagem e memória.

O seu trabalho focaliza-se nos glucocorticoides, um tipo de hormonas produzidas pelas glândulas suprenais, durante o stress e que são críticas como neuro tóxicos. Os seus efeitos aparecem predominantemente, mas não exclusivamente, no hipocampus, uma estrutura rica em receptores de corticosteroides, e particularmente sensível aos glucocorticoides.

Será que a situação de stress produzida por determinadas metodologias de ensino vai facilitar, ou dificultar ou impedir o funcionamento da aprendizagem ?

Uma situação de autoritarismo para funcionar tem que detonar a correspondente posição de submissão, que por sua vez arrasta consigo a posição de stress, provocadora de glucocorticoides. Nesta situação será possível existir a necessária flexibilidade adaptativa inerente a qualquer situação de aprendizagem?

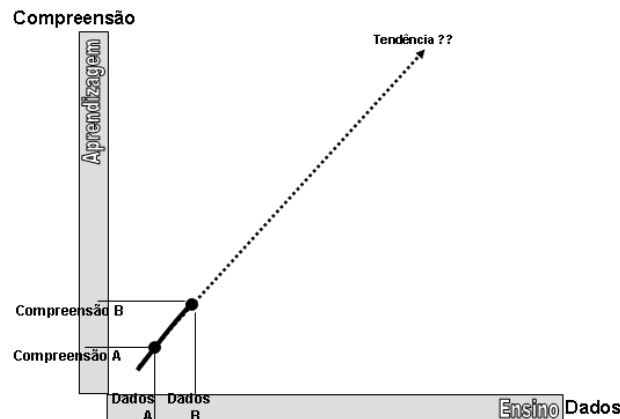
Esta flexibilidade adaptativa é uma condição necessária para a aprendizagem, pois esta não é uma simples acumulação de informação, nem sequer apenas a sua compreensão, mas o basicamente o estabelecimento de redes de significâncias entre a nova informação e as estruturas de compreensões significativas já existentes na mente.

Numa palavra, aprender é criar novas configurações, é dinamizar e potenciar as relações Informação-compreensão. Esta relação é expressa pelo ângulo β da curva que relaciona os dois factores.

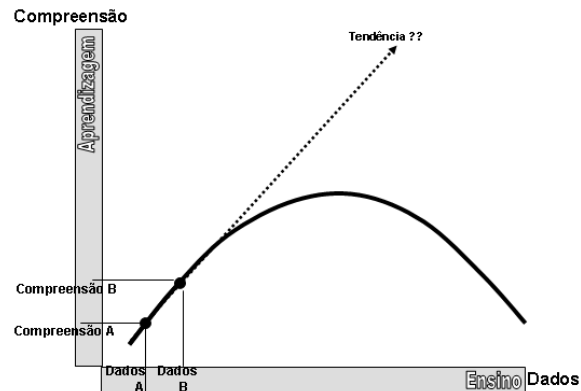
ou seja,

Imagine-se uma curva que relaciona a informação fornecida no ensino (professor ou monitor) com a compreensão resultante na aprendizagem (aluno ou participante). Para a informação **A** e **B** é obtida a compreensão **A** e **B**.

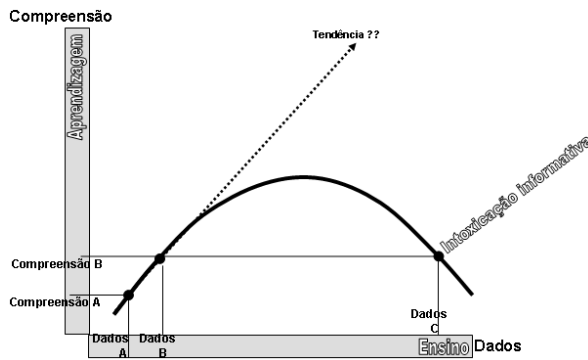
- (vide 1. Nelson Trindade, competência ou incompetência treinada, www.pluridoc.com)
2. Nelson Trindade e Paula Silveira, Sistemas de Informação Organizacionais, obra colectiva, pag 474, Ed. Silabo, Lisboa)



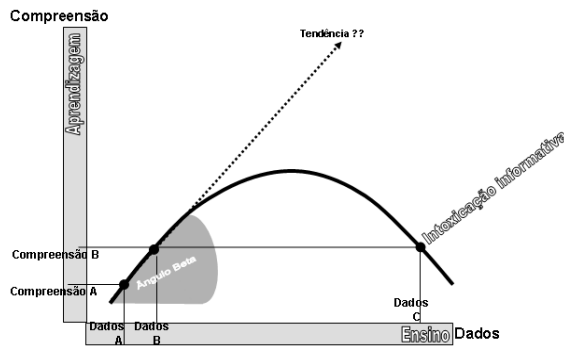
Porém, a curva resultante não segue a tendência indicada pela seta, mas sim:



Se agora o sistema de ensino continuar a dar informação até alcançar a quantidade de dados **C**, compreensão resultante será **B**, obtendo-se assim "**intoxicação informativa**" que, todavia, poderá estar memorizada e reproduzida correctamente:



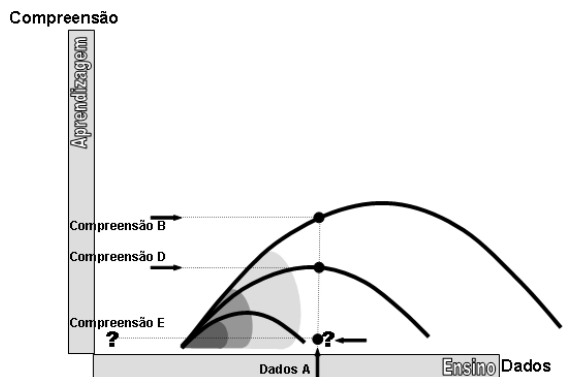
O centro desta questão está no **Ângulo β** que a curva faz:



No esquema a seguir, consideram-se 3 pessoas com diferentes curvas de compreensão da informação recebida, mas a quem é dada a mesma informação **A**.

Verifica-se que as compreensões têm intensidades diferentes (**B** e **D**), em função das diferentes curvas pessoais, existindo mesmo uma que pensará que é "bruxaria" (**E**), por ela estar totalmente fora das suas capacidades de estruturação de informação.

Como exemplo, acerca da informação de um novo e complexo tratamento clínico, um médico terá uma compreensão muito mais clara e profunda do que um engenheiro, mas para um terceiro poderá ser apenas uma "brincadeira de mau gosto".



Em conclusão:

Aprender é aumentar a capacidade de configurar (estruturar) informação (ângulo Beta), potenciando assim a compreensão e a consequente decisão sobre o comportamento eficaz e, neste processo, o autoritarismo originador de stress, por sua vez originador de glucocorticoides no hipocampo não é uma condição favorável à aprendizagem, antes pelo contrário é disfuncional.

Quase todos nós temos experiência e consciência desta conclusão, mas ... a autoridade no ensino continua a ser usada para provocar aprendizagem quer na escola, quer na família, esquecendo-se que "...quem faz o que sempre fez, obtém o que sempre obteve."